

ASTROJILDO PEREIRA: PERSONAGEM INDISPENSÁVEL

José Luiz Del Roio¹

No dia 10 de novembro de 1965, faleceu no Rio de Janeiro, o intelectual revolucionário Astrojildo Pereira. Tinha 75 anos de idade. Preso em outubro de 1964, pelos esbirros da ditadura militar, havia sido libertado, já com a saúde muito abalada, em janeiro. Mas continuou a responder um processo acusado de ter criado o Partido Comunista em 1922!!

Durante décadas colecionou jornais operários, nacionais e estrangeiros, folhetos, documentos, cartas, fotos. Preencheu milhares de páginas de anotações de sua autoria, sobre o movimento anarquista e depois comunista, literatura, cultura em geral. Um acervo Ímpar do qual muito se orgulhava. Com sua morte deixou tudo ao PCB. A direção do partido encarregou a Orlando Bonfim de protegê-lo. Os papéis foram para clandestinidade sendo colocado na gráfica do Comitê Central.

Passaram-se alguns anos e o pendor fascista da ditadura se acentuou. Prisões, torturas e assassinatos eram o cotidiano dos que resistiam. Os aparatos policiais chegaram perto dos membros do comitê central do PCB. Em 1971 Orlando Bonfim, justamente, resolveu deslocar o arquivo do Astrojildo do local da gráfica. Deu esta tarefa a dois jovens dirigentes Marly Viana e José Sales. Eles o levaram para São Paulo, onde ficou num aparelho clandestino. Marly nos tempos livres tentava classifica-lo e mantê-lo limpo. Mas era difícil.

Em meados de 1974 a situação das estruturas do PCB, ficou impossível. O aparato da repressão fascista concentrou suas forças para destruir este partido. Centenas de militantes foram presos e torturados. Mais de uma dezena de dirigentes tombaram assassinados. Marly Vianna e José Sales perceberam que estava se criando um cerco no endereço onde se encontrava o acervo. Neste ínterim, José Sales recebe ordens de se

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2015.v52n2.8576>

¹ Fundador e Diretor do ASMOB – Archivio Storicco del Movimento Operario Brasiliano. Foi senador na Itália pela região de Lombardia e membro da Assembleia Parlamentar da Europa em Estrasburgo. É vice-presidente do Instituto Astrojildo Pereira e membro do Comitê Paulista pela Memória, Justiça e Verdade e da Comissão dos Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos.

retirar do país, pois sua segurança estava em perigo. Marly fica sozinha com o arquivo. Contará mais tarde, que chorou desesperada, sem saber o que fazer.

Decidiu levar de volta o material para o Rio de Janeiro, contatou um jovem comunista Mateus Malina, filho do dirigente Salomão Malina e o levaram para a casa segura de uma militante, Zuleide Faria de Melo. Mas o único carro que possuíam eram um pequeno “fusca” e fizeram muitas viagens São Paulo – Rio com três caixas a cada viagem. O drama se repetiu no Rio de Janeiro. A casa de Zuleide ficou cheia com estes materiais e com o mesmo fusca, foi deslocado em uma garagem. Depois disso também Marly teve que ir para o exílio e saiu venturosamente do Brasil. Zuleide continua sua saga. Descobre que a garagem é muito úmida e os preciosos manuscritos estão embolorando. Novas mudanças, passando por blocos policiais que pontilhavam o Rio de Janeiro. Mas um local ideal, naquelas condições era impossível e o acervo continuava se deteriorando. Zuleide não podia fazer mais do já havia feito, arriscando a própria vida. Parecia que a cultura brasileira, já tanto desfalcada de arquivos e memórias, sofreria mais um rude golpe.

Enquanto isso eu estava em Milão. E o Mauricio Martins de Mello, que havia trabalhado com o General Nelson Werneck Sodré, também estava por lá. Ele falou-me do acervo Astrojildo Pereira e da necessidade de ver como estava a situação. Como tinha que ir a Moscou, coloquei na agenda de meu encontro com Luiz Carlos Prestes também esta questão. Depois de algumas conversas, ele explicou-me a situação. O arquivo estava mal, era preciso tira-lo do Brasil. Porém o Comitê Central estava passando por grandes dificuldades, também econômicas em função do enorme número de militantes e dirigentes presos. Além disso, onde poderia ser colocado uma vez que chegasse à Europa? Ele preferia que não fosse um país socialista, pois uma eventual volta ao Brasil poderia ser dificultada, sendo que os arquivos daqueles países (e não somente de lá) quando recebem um acervo, dificilmente o devolveriam. Consultando Marly Vianna, ele acabou concordando que se realizasse a operação.

Primeiro era preciso encontrar um local, seguro e onde fosse possível higienizar o material, classifica-lo e pôr à disposição dos estudiosos. A solução encontrada foi a Fondazione Giangiacomo Feltrinelli de Milão. Esta sede de alto prestígio englobava uma enorme massa de materiais da história dos movimentos sociais e revolucionários da Europa.

Mauricio Martins trabalhava na Fondazione e a professora universitária Teresa Isenburg, um apoio da resistência brasileira, era muito amiga da família Feltrinelli. Assim foi que os dirigentes daquela instituição concordaram em alocar os eventuais acervos e permitir sua volta ao Brasil quando as condições tivessem amadurecidas.

Faltava o mais difícil. Como tirar o acervo das mãos da ditadura. Depois de alguns planos mirabolantes, a tarefa recaiu nas costas de uma militante, pouco conhecida pela repressão: Dora Henrique da Costa. Ela morava em Paris e aceitou a incumbência. Viria ao Brasil falar com a Zuleide Faria e ajudados por outros companheiros tentaria enviar a “encomenda” por navio. Para tudo isso era necessários recursos. E a pobreza era total. Fui falar com a direção do Partido Comunista Italiano com o pires na mão. A operação não era simples, me explicaram, pois não podiam entregar recursos para este tipo de operação. Acabei chegando ao Secretário Geral Enrico Berlinguer. Pessoa muito culta e gentil. Interessou-se demais pela história que contei. Disse-me que para o Partido era difícil facilitar os recursos, mas não havia problema, pois o daria de seus próprios bolsos. Maravilha.

Dora partiu, chegou ao Rio de Janeiro e com muitas peripécias colocou o arquivo em baús misturados com roupas, panelas e tudo o que achou. Contratou uma transportadora que levou ao Porto de Santos e dali enviou a Genova como se fosse uma mudança sua. Passou pela inspeção policial e foi um imenso ufa!! Nas duas margens do Atlântico.

Como nem sempre na vida tudo são rosas, surgiu um problema sério. A viagem de navio Santos – Genova demorava 12 dias. Quis o acaso que a embarcação mercantil onde estava o “Astrojildo” recebesse ordens de ir ao Pacífico para transportar cargas entre os portos do extremo oriente. Este drama demorou seis meses. Maurício e eu ficamos absolutamente desesperados tentando descobrir a rota do mercantil e calcular quando chegaria na Europa. Acabou chegando, mas o material sofreu mais estragos.

Recebemos antes mesmo do “Astrojildo” um consistente acervo de Roberto Morena, que estava em Praga e nos foi trazido por Lyndolfo Silva, fundador da Contag e seu primeiro presidente. Roberto Morena havia falecido em 5 de julho de 1978 e havia garantido que seus arquivos seriam depositados em Milão. Posteriormente retiramos também a parte que estava no Rio de Janeiro. Morena, militante político e sindical desde 1917, era muito cuidadoso com seus preciosos materiais.

Fizemos um apelo às colônias exiliadas em uns 20 países para que enviassem seus arquivos e assim pudemos constituir um fundo sobre o exílio e também sobre documentos clandestinos da resistência ditadura.

Mas o trabalho difícil foi a limpeza e restauração do acervo do Astrojildo. Encontrava-se totalmente poluído por fungos.

Uma explicação sobre a nossa situação se impõe. Como o nosso acordo com a Fondazione Feltrinelli era de que eles cederiam apenas espaços e segurança, pois os acervos não pertenciam a ela e voltariam ao Brasil, não se sabia quando. Logo todo o trabalho de restauração e classificação ficaria responsabilidade nossa. E isto comportava um tempo infinito e gastos. E nos não tínhamos recursos.

Criamos uma entidade legal intitulada “Archivio del Movimento Operaio Brasileiro” cuja presidente foi Teresa Isenburg, diretor Mauricio Martins de Mello e eu do conselho de administração. Caiu um anjo do céu, Angela Maria Ribeiro Galvão, que se revelou uma ótima e dedicada bibliotecária.

Tivemos que pedir solidariedade à colônia brasileira do qual tivemos um bom apoio. Principalmente do escritório de Oscar Niemayer, através de Marcos Jaimovich e também do Jorge Amado. Gostaria de lembrar da parte italiana, a Novella Sansoni, presidente da Província de Milão.

Na medida em que os documentos eram higienizados e classificados, iam sendo postos à disposição dos pesquisadores. Porém, era preciso divulgá-los na medida do possível no Brasil. E para isso era necessário publicações de livros e revistas. Assim nasceu a ideia, suportada por Raul Castel de criarmos uma revista ligada ao Asmob e suportada no Brasil por um grupo que se nucleou com o Marcos Del Roio. Posteriormente nasceu o Instituto Astrojildo Pereira para recolher novos acervos, divulga-los e conseguir condições para que os materiais que se encontravam na Itália, voltassem ao Brasil.

O nome escolhido pela revista foi o de *Memória & História* e seu primeiro número, como não podia deixar de ser, foi dedicado ao acervo Astrojildo Pereira. Apresentei uma série de documentos de diversas fases de sua vida, que até então não eram conhecidos, a Angela listou a hemeroteca e o Mauricio fez sua apresentação. Além disso, uma série de nomes ilustres deu sua contribuição. Está sendo preparada uma reimpressão daquele exemplar, ampliado, depois de quase três décadas.

E ainda como uma última informação, os acervos somente puderam voltar ao Brasil em 1994, graças a um ato da direção da UNESP, que ciente da importância histórica, os acolheu.